

Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas Artes

Curso de Ciências da Arte e do Património

Arqueologia e Património¹

Anabela Querido Cardeira nº 5833

2012

Túmulo de D. Fernando I



¹ **Disciplina leccionada no ano lectivo 2012 pelo prof. Luís Jorge Rodrigues Gonçalves**

Índice

1.Introdução	2
2. Desenvolvimento	3
2.1 Materiais utilizados, técnicas de execução e descrição do objecto.	3
2.2 Contexto Histórico espacial do objecto analisado e a sua função	5
2.3 Significado, Valores e Signos presentes no objecto analisado.....	7
3. Conclusão	8
4. Bibliografia	9

1.Introdução

Para este trabalho escolhi efectuar a análise do artefacto arqueológico, o túmulo de D. Fernando I.

Actualmente o túmulo de D. Fernando I encontra-se no Museu Arqueológico do Carmo. Este foi transportado para o Museu no ano de 1875, a mando do arquitecto Joaquim Possidónio da Silva, que o encontrou em mau estado de conservação e vandalizado, e como este era Presidente da Associação do Architectos Civis e Archeologos Portugueses, decidiu integrar este magnifico artefacto no acervo do Museu.

Anteriormente o túmulo encontrava-se no Convento de S. Francisco, em Santarém, sitio que El Rei D. Fernando I colocara no seu 2º e ultimo testamento ser o seu repouso eterno, assim que se realizou a sua morte em 1383.

2. Desenvolvimento

2.1 Materiais utilizados, técnicas de execução e descrição do objecto.

O material utilizado para a produção da arca tumular é a pedra, sendo o escultor de origem desconhecida. A técnica utilizada pelo escultor, pensa-se ser semelhante as técnicas utilizadas pelos castelhanos. No entanto, derivado ao tema presente na testeira tumular pode ter influências italianas.

O túmulo de D. Fernando I é constituído por uma arca rectangular, tampa trapezoidal que se desenvolveu no sentido ascendente em direcção á cabeceira (sem estátua jacente) e suportes figurativos (quatro leões acéfalos devido á “arrumação” do túmulo na parede da frontaria da Igreja de São Francisco no século XVI, e outros (quatro ainda íntegros, dois dos quais bicéfalos, todos acompanhados por pequenas figuras subjugadas ou protegidas pelos leões aguerridos e apotrópicos).²

Nas faces maiores da arca distribuem-se, em cada um, quatro grandes medalhões quadrilobados, tendo figuras de diferentes fisionomias a ladear os mesmos. Encontra-se também, entre os medalhões, faces animais. No exterior dos medalhões verifica-se, nos espaços livres entre cada um, figuras híbridas e uma única cena historiada compreendendo uma figuração humana.

Na tampa verifica-se uma legenda epigrafada e por cima desta encontramos quatro escudos com as armas do reino. Nos espaços entre estes, abrem-se pequenas molduras circulares, onde foram esculpidos bustos de figuras religiosas e laicas, e dois semicírculos nas extremidades, decorados com motivos híbridos. No topo da tampa verifica-se uma vez mais as armas de Portugal.

Na parte facial dos pés, na tampa, apresenta-se o escudo real que é segurado por dois anjos-tenentes, encimado com a coroa régia.

A testeira apresenta uma composição iconográfica que só permite a sua leitura enquanto conjunto inseparável entre tampa e arca. Trata-se de cenas da vida e milagres

2 FERNANDES, Carla Varela «Memória de um rei no Chiado: o monumento funerário de D. Fernando I» Chiado- efervescência urbana artística e literária de um lugar, Lisboa, CIEBA /Faculdade de Belas Artes , 2012 página 208-219

de São Francisco de Assis, enquadradas por fundo florestal, pelo monte da Verne e pelo ermitério do mesmo nome. Assim sendo, toda a testeira da arca é marcada pelas acções e gestos de São Francisco.

As semelhanças entre esta cena e outras desta composição com as cenas da hagiografia de S. Francisco na Basílica Superior de Assis, mas também com a pintura da estigmatização de S. Francisco para a capela Bardi em Santa Croce de florença, relevam a presença de um ou vários artistas familiarizados com estes formulários iconográficos e plástico-compositivos, ou porque os tivessem visto in situ, ou porque circulassem em cadernos de esboços de que os bons artistas se socorriam para reproduzir nas obras que lhes eram encomendadas. Não significa, no entanto, que o autor ou autores desta obra fossem, necessariamente, italianos.³

3 FERNANDES, Carla Varela, *A Imagem de um rei- Análise do túmulo de D. Fernando I*, Museu Arqueológico do Carmo e Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa

2.2 Contexto Histórico espacial do objecto analisado e a sua função

O túmulo de D. Fernando I, foi mandado ser construído pelo mesmo com o objectivo de que este pudesse ser sepultado assim que morresse. O mesmo foi mandado construir á volta do ano de 1382.

No ano de 1588 os frades franciscanos decidiram remover o túmulo, que até à presente data se encontrava no coro alto da nave central, por questões relacionadas a perturbações dos seus rituais de culto.

“Mas porque neste lugar entrestecia, e assombrava o templo, no ano de 1588 se encurtou na grandeza e foi posto sobre a porta principal no seu lugar ordinário”⁴

O túmulo foi disposto junto ao óculo da fachada da igreja, mas para evitar o excessivo peso d’este túmulo não ficasse a sobcarregar a abobada, mandaram fazer uma cavidade na parede, a fim de descansar uma parte do túmulo sobre o grosso da mesma parede. Contudo, como o mesmo não impediu de carregar demasiadamente na abobada, os frades mandaram cerrar as cabeças dos quatro quadrúpedes que serviam de pés para o túmulo, de modo a que este ficasse unido com a parede da empena do portal.⁵

No século XIX, o túmulo sofreu também vandalismos como as invasões francesas e as desamortizações das Ordens Religiosas (1834). O túmulo nas invasões francesas foi brutalmente vandalizado, tendo sido atacado primeiramente a tampa, vendo que estava a ser complicado remove-la, atacaram as paredes do sarcófago, tendo esta cedido e os mesmos conseguiram explorar o interior do túmulo à vontade.

4 FERNANDES, Carla Varela, *A Imagem de um rei- Análise do túmulo de D. Fernando I*, Museu Arqueológico do Carmo e Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa

5 FERNANDES, Carla Varela, *A Imagem de um rei- Análise do túmulo de D. Fernando I*, Museu Arqueológico do Carmo e Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa

Com as desamortizações das Ordens Religiosas, o Convento de Santarém ficou ao abandono evidenciando o “Vandalismo Destruidor”. Vários foram aqueles que se opuseram e não deixaram de se expressar. É o caso de Alexandre Herculano, que em vários artigos deixou patente a denúncia da utilização dos túmulos reais, e de Almeida Garrett, que em 1843 ao passar por Santarém (numa das suas viagens), comentou a sua indignação quer pelo estado de abandono e destruição que se encontrava o Convento de S. Francisco.

O belo jazido do rei formoso e frívolo, tão dado às delícias do prazer como foi seu pai às austeridades da justiça, em que estado ele está!

*Oh nação de bárbaros! Oh maldito povo de iconoclastas que é este!*⁶

Em 1844, o Convento de S. Francisco, foi transformado num lugar de acolhimento para o Regimento de Cavalaria nº4, sendo que o túmulo de D. Fernando I tinha sido convertido em cavalete para as celas velhas dos cavalos dito Regimento.

Os restos mortais do rei perderam-se para sempre e não ficou nenhum registo dessa profanação, “apenas o desconsolado buraco negro numa das faces da arca feral a comprovar o que acontecera, uma prova inequívoca.”⁷

Possidónio da Silva, fundador da Associação dos Arqueólogos Portugueses, é que decidiu transportar o túmulo do rei formoso para o Museu Arqueológico do Carmo, em 1875, a fim de o remontar e salvaguardar de mais vandalismos á sua integridade e dignidade.

Actualmente, a arca tumular foi limpa e consolidada tendo sido devolvida a sua cor original da pedra clara em que foi esculpida.

6 AAVV (Coord. ARNAULD, Jose Morais; FERNANDES, Carla Varela), *Construindo a Memória – Ass. Coleções do Museu arqueológico do Carmo*, Lisboa, Associação de Arqueólogos Portugueses / Museu Arqueológico do Carmo, 2005

7 FERNANDES, Carla Varela, *A Imagem de um rei- Análise do túmulo de D. Fernando I*, Museu Arqueológico do Carmo e Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa

2.3 Significado, Valores e Signos presentes no objecto analisado

D. Fernando I ao mandar construir o seu túmulo, tinha a intenção que ficasse salientado as suas origens. Portanto, ao colocar o Brasão dos Manuéis, estava a indicar a sua linhagem materna, bem como o Brasão Real, indicava a sua linhagem paterna, querendo então D. Fernando dizer que era o filho legítimo e que o trono era seu por direito, uma vez que era filho dos reis de Portugal.

É importante salientar a testeira do Túmulo do rei “ *formoso*”, uma vez que este apresenta uma narrativa franciscana (um pouco semelhante à obra de Giotto na Basílica Superior de Assis). As cenas representadas na testeira, referem-se a momentos da vida do santo ocorridas durante o inverno em que o mesmo se retirou para o eremitério do monte Verne. Pode-se então observar o designado “ *Milagre da Fonte*”, onde Francisco de Assis, apresenta-se sozinho a extrair água de uma rocha no sopé da íngreme montanha. Posteriormente, observa-se também, a figura de S. Francisco a levantar a cabeça e uma das mãos para se dirigir verbalmente aos diversos animais que dele se acercam caminhando pelos trilhos de uma densa floresta. Por fim, *reparar-se no santo sentado na escadaria que percorre a montanha em direcção ao eremitério e, concentrado na leitura dos Evangelhos, faz as aberturas rituais do Livro Sagrado, deparando-se com a descrição da crucificação de Jesus Cristo. Assim, e no momento mais destacado da sua vida, já que se completava a sua imitação de Cristo, tornando-se um segundo Cristo. S. Francisco, numa de figura grandes proporções, encontra-se genuflectido e com os braços abertos, olha para cima, fixando a visão que acaba de ter: Cristo aparece-lhe sob a forma de um serafim (na tampa tumular, rodeado de estrelas e bustos de anjos entre as nuvens e, com duas das seis asas totalmente abertas, numa postura mimética da crucificação, transmite-lhe as chagas da sua paixão.*⁸

8 FERNANDES, Carla Varela, *A Imagem de um rei- Análise do túmulo de D. Fernando I*, Museu Arqueológico do Carmo e Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa

3. Conclusão

Em suma podemos verificar que o túmulo deste rei que outrora fora intitulado “o formoso”, apresenta-se perante nós com exuberância e esplendor. Sendo de destacar o facto de o mesmo ter passado por diversas circunstâncias como as invasões francesas e as desamortizações das ordens religiosas, entre outras.

É importante salientar o papel que desempenhou Possidónio da Silva que ao ver o estado em que o túmulo se encontrava decidiu trazer o mesmo para o Museu do Carmo onde actualmente, encontra-se preservado e pode ser observado diariamente por diversas pessoas.

Na simbologia do túmulo, dado ao limite de páginas imposto pelo professor, optei por referir apenas algumas partes que achei interessante.

4. Bibliografia

AAVV (Coord. ARNAULD, Jose Morais; FERNANDES, Carla Varela), *Construindo a Memória – Ass. Coleções do Museu arqueológico do Carmo*, Lisboa, Associação de Arqueólogos Portugueses / Museu Arqueológico do Carmo, 2005

FERNANDES, Carla Varela, *A Imagem de um rei- Análise do túmulo de D. Fernando I*, Museu Arqueológico do Carmo e Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa

FERNANDES, Carla Varela «*Memória de um rei no Chiado: o monumento funerário de D. Fernando I*» *Chiado- efervescência urbana artística e literária de um lugar*, Lisboa, CIEBA /Faculdade de Belas Artes , 2012 página 208-219